

O cânone e a dissolução do cânone. A intertextualidade tipológica – um recurso estilístico “pós-moderno”?¹

The canon and the dissolution of the canon. Typological intertextuality – a post-modern stylistic resource?

Ulla Fix²

Universidade de Leipzig, Alemanha

Tradutor: Hans Peter Wieser³

Universidade Estadual do Ceará

Abstract

This work will investigate the more and more frequently observed phenomenon of boundary transgressions that one can find in the world of non-literary and literary texts in forms that utilize typological intertextuality. There will be a discussion of the play with patterns, the norms and conventions in the area of textual genres, especially, by means of montage, the mixture and breaching of textual patterns that are employed in a contrastive sense compared to the *normal* use, in order to attract the attention of an audience that is exposed to an abundance of texts and in order to seduce the receptor into reading the particular text under discussion. Forms and types will be shown, as well as abundance and variety of those breaches of the “canon”. Finally, what happens to the signs in that ambivalence between canon and dissolution of canon during the process of reception will be shown; that is, a specific kind of semiose will be observed – namely, a semiose of alienation that is bound to those non-conventional texts.

Keywords

Intertextuality, Text genres, Text patterns, Semiosis

Resumo

O trabalho presente investiga o fenômeno cada vez mais freqüente da “transgressão de limites” que encontramos no mundo dos textos literários e não-literários em formas que utilizam a intertextualidade tipológica. Discutiremos o jogo com os padrões, as normas e as convenções na área dos gêneros textuais, especialmente, através da montagem, da mistura e da transgressão de padrões textuais que são empregados em sentido inverso ao uso “normal”, com a finalidade de chamar a atenção de um público que está exposto a uma abundância de textos e de seduzir o receptor para ler justamente o texto em discussão. Demonstraremos as formas e os tipos, assim como a riqueza e a multiplicidade dessas transgressões do “cânone” e perguntaremos, finalmente, o que, nessa ambivalência entre o cânone e a dissolução do cânone, está ocorrendo com os signos durante o processo de recepção; isto é, examinaremos um tipo específico de semiose, nomeadamente, uma semiose de estranhamento que está ligado a esses textos não convencionais.

Palavras-chave

Intertextualidade, Gêneros textuais, Padrões de texto, Semiose

Onde estamos no campo do estilo, domina uma pressão permanente para a renovação, a superação, a transposição (A. Assmann, 1986, 128).

Minhas considerações são feitas sob o signo da figura de pensamento *cânone* e *dissolução do cânone*. Partindo do conceito genérico *obrigação* e *dissolução da obrigação*, é possível colocar, ao lado dessa figura de pensamento, outros pares de figuras de pensamento com as quais já estamos familiarizados na lingüística: *regra – transgressão da regra*; *padrão – mistura de padrões/violação do padrão*; *norma – desvio da norma*; *convencionalização – desconvenção*. Aliás, as palavras básicas *transgressão* e *violação* já sinalizam que estamos falando de alguma coisa intencionada. Trata-se, pois, sempre de um produto da vontade.

Conhecemos figuras semelhantes de pensamento que são categorias do discurso da pós-modernidade, por exemplo: *indeterminação* em vez de *determinação*, *fronteiras opacas* no lugar de *fronteiras nitidamente contornadas*, *estilos turvos* em vez de *estilos apurados*; *relatividade* no lugar de *autonomia*, *heterogeneidade* em vez de *uniformidade* (cf. HASSAN, 1988). Retomando Lyotard, Hassan (ibid., p. 50) fala, até, da “deslegitimação das normas centrais da sociedade” e da “dissolução do cânone cultural”.

Os fenômenos concebidos com os termos mencionados acima encontram-se, com uma freqüência cada vez maior, nos textos cotidianos em determinadas áreas da comunicação pública. Convém mencionar, aqui, os textos publicitários do tipo político e comercial; os textos jornalísticos, particularmente esses em revistas científicas populares; os textos de anúncios em jornais; as comunicações públicas, os aforismos, os lemas, as pichações, em poucas palavras: os textos que – diferentemente dos textos técnicos que podem contar, de antemão, com um círculo de leitores obrigatórios – não podem prescindir de chamar, antes de tudo, a atenção do público. Esses

textos, freqüentemente, são formados com os recursos da dissolução do cânone: variações, montagens de texto, transgressões e misturas textuais e estilísticas.

Nesses textos, encontramos, por assim dizer, como o “caso normal” (ibid., p. 57 seg., 87), as diversas formas de referência tipológica intertextual de natureza estética, como foram descritos por Holthuis (1993, p. 3): “montagens de gêneros”, “transferências de tipos de textos”, “transformações de tipos de textos”, “diálogo(s) contra a fidelidade à norma”. Dittgen (1989, p. 10) ressalta que os recursos estilísticos da linguagem poética são, cada vez mais, transferidos à linguagem não-poética; um fenômeno que pode ser considerado, também, como transgressão de fronteiras ou dissolução do cânone.

As manifestações freqüentes da intertextualidade tipológica que encontramos, atualmente, nos textos cotidianos são conseqüências da dissolução do cânone. Na terminologia da Lingüística Textual, trata-se de fenômenos da montagem de padrões textuais, da mistura de padrões textuais e da transgressão deles. Compreendo o ‘padrão textual’, conforme Sandig (1978) e no sentido do ‘tipo de texto’ de Gobyn (1992, p. 70), de acordo com a Teoria dos Atos de Fala, ou seja, como unidade que pode ser descrita em termos da ilocução, da proposição e da locução textuais. Assim, pois, uma *montagem de padrões de textos* poderia ser descrita como um acoplamento de vários exemplares de textos (*tokens*) que pertencem, cada um, a outro tipo de padrão (*type*), mas que seguem uma única intenção textual. No que diz respeito a um texto que se distingue por uma *mistura de padrões de texto*, deveria ser possível descrevê-lo como um exemplar de texto (*token*) com ilocuições, proposições e locuições predominantes que mantêm relações com vários padrões de texto (*types*) com suas predeterminadas dominâncias padronizadas. O que está no foco, então, é a relação com características canonizadas de textos, ou seja, a relação com os “textos sistemáticos” no sentido de Holthuis (1993, p. 53 seg.). Uma *transgressão de padrões de textos* ocorre quando um exemplar de texto (*token*) tem as características de um padrão de texto (*type*) e, além disso, traços que não podem ser associados, inequivocamente,

com nenhum padrão de texto. Todavia, diferentemente de Holthuis (*op. cit.*), considero a relação intertextual – que ela descreve como tipológica – menos uma questão do conhecimento sobre tipos de textos que uma questão do conhecimento que os usuários de uma língua têm sobre gêneros textuais. Com efeito, Holthuis (*op. cit.*, p. 55) fala do “conhecimento coletivo” dos usuários de uma língua, mas a autora não aprofunda esse assunto e, por conseguinte, não vê que o conhecimento deles sobre gêneros textuais não é organizado tipologicamente, mas conforme o senso comum. De fato, o jogo com padrões textuais, as costumeiras variações, misturas e transgressões de padrões não se baseiam em conhecimentos inequívocos e teoricamente elaborados pelos usuários de uma língua, mas no conhecimento cotidiano sobre textos, o qual os usuários de uma língua compartilham. Os tipos (*types*) com os quais os falantes são familiarizados fazem parte do senso comum.

Como uma variação especial da intertextualidade tipológica, sobressai a relação entre textos utilitários do tipo que acabamos de descrever e os padrões e gêneros textuais de caráter literário-estético. A esse fenômeno antecedeu um outro: os textos literários referem-se aos padrões dos textos não-literários. Darei dois exemplos: o poema “Produto alemão de alta qualidade” (*Deutsche Wertarbeit*) de Horst Bienek (texto 1) e o texto “Apreciação de Prometeu” (*Beurteilung des Prometheus*) de Guilherme Bartsch (texto 2).

O teor do poema de Bienek poderia ser compreendido como uma bula (por exemplo, de um caixa de doces). O lugar da publicação, o arranjo do texto, o ritmo e a estruturação que conhecemos dos poemas fazem do texto um poema.

Texto 1:**Produto alemão de alta qualidade**

Durante o processo de produção
 todos os produtos
 da nossa casa
 estão sujeitos a um permanente e rígido
 controle
 também por nossa ... matriz
 assim garantimos sempre
 a entrega de produtos frescos
 de alta qualidade e feitos
 da melhor matéria-prima
 se apesar disso surgir
 por acaso
 uma razão para reclamar
 favor mandar para nós
 a caixa com o conteúdo
 e o cartão de garantia preenchido
 em caso de legítimas reclamações
 trocaremos
 essa caixa e reembolsaremos também
 as despesas
 de porte

HORST BIENEK

Texto 2:**Apreciação de Prometeu**

O colega P. foi ativista da primeira hora, mas / Naquele tempo ele já demonstrou tendências anárquico-sindicalistas, / Primeiramente: / Quando, pela impostura de falsos fatos / Conseguiu recursos para entregar-se a interesses coletivo-egoísticos que / Serviram a sua conhecida vaidade; / Em segundo lugar: / Quando, em consequência disso, se tornou muito concorrido, com o resultado / Que toda a autoridade da direção foi questionada permanentemente. / Mesmo com inúmeros esclarecimentos dados pelas competências mais altas que / Com paciência e tolerância lhe ofereceram muitas vezes / Uma mão, ele continuou a insistir no desvio da doutrina e faltou com o necessário / Respeito para todo mundo. Também lhe falta / Abertura; falando em termos da técnica de medição: / Suas intenções, por assim dizer, encontram-se na / Zona oculta. / Várias vezes ele afirmou / Publicamente que tomasse todas as liberdades que pudesse. / Assim pedisse o seu destino. Embora é preciso levar em consideração/ Que lutou na primeira linha de combate / Contra a barbaridade, consta que ele considera isso como uma licença / Para agir contra as orientações da direção. Por isso / Ocorreram sérias perturbações no funcionamento da fábrica que / Quase tiveram o caráter de uma sabotagem, o que é a razão porque / lhe foi imposto um compromisso com um lugar de trabalho num sucursal que ele cumpriu, mas, apesar das discussões diárias com o colega Águia / da Suprema Direção, ele manteve / Sua teimosia obstinadamente. Finalmente, conforme uma solicitação de alguns / Dos seus colegas e devido ao desempenho especial do operário / Hercules, P. ganhou a confiança novamente e foi integrado no coletivo, na esperança que, / Lá, pudesse dar bons resultados, mas seu individualismo / Permaneceu vigorosamente. Ações arbitrárias e / Críticas maldosas e arrogantes / Obrigam-nos, agora, deixar P. pronunciar-se sobre seu comportamento / Diante do pessoal inteiro.

O texto de Bartsch é determinado por campos semânticos de duas áreas representativas: ele mistura um hipotético texto instrumental de caráter institucional (uma crítica) com um texto da literatura/mitologia (um texto estético). A posição dos sintagmas oracionais e o uso do subjuntivo [no alemão] nos remetem à linguagem culta da

poesia; expressões formulaicas, como “na primeira linha de combate” ou “agindo contra as orientações da direção” e outras, são indícios de um texto institucional da RDA (República Democrática da Alemanha, i.e., a antiga Alemanha Oriental). O título torna ambas as possibilidades manifestas. Também, o arranjo gráfico e a ritmização do texto corrente, escrito sem parágrafos, fazem uma referência a ambos os textos: o instrumental e o poético.

Na área dos textos não-poéticos, encontramos, de um lado, montagens de padrões textuais (texto 3) e misturas de padrões textuais (texto 4) que permanecem no domínio dos textos utilitários. O texto 3 é uma montagem de um texto, que é estruturado como um texto objetivo da área da medicina, e um texto publicitário. Assim, pois, o arranjo do texto completo, seu título “medicina”, impresso em letras maiúsculas, e o subtítulo “as emoções reprimidas”, também impresso em maiúsculas, deixam passar despercebida a pequena referência ao fato de que se trata de um “anúncio”. As duas partes do texto completo são separadas apenas por uma linha fina. Tudo é dirigido para deixar a impressão da seriedade de um texto objetivo.

O texto 4 é um exemplo para a mistura de padrões textuais. Trata-se de um texto da orelha de um livro da editora Diógenes que realiza com signos lingüísticos e não-lingüísticos o gênero textual “bula” e, mesmo assim, pode ser reconhecido naturalmente como texto de orelha de um livro. Por meio da mistura feliz, gera-se um efeito estético.

Do outro lado, encontramos, também com muita frequência, a inversão do princípio aqui descrito da remissão de um mundo textual (o texto literário) para o outro (o texto utilitário): o que se observa, nesses casos, é que os textos utilitários se referem aos padrões dos textos literários/estéticos. Desse modo, encontramos textos publicitários na linguagem dos contos de fada dos irmãos Grimm (texto 5) ou na linguagem estética da tradução luterana da Bíblia (textos 6 e 7). Além disso, achamos textos políticos com elementos poéticos retirados do aforismo, da canção ou do poema (texto 8).

A propaganda de automóveis (texto 5) que recorre aos elementos do conto de fada aproveita o elemento básico proposicional do conto

de fada. O próprio gênero textual transforma-se em um argumento de venda. Alguma coisa tornou-se tão incrivelmente boa, tão maravilhosa, que é possível falar dela apenas na forma de um conto de fada.

A publicidade na linguagem de Lutero (texto 7) aplica, a assuntos profanos, os elementos da linguagem sagrada, que são considerados como sinais para a representação dos acontecimentos da estória da salvação (STOLT, 1983) e que, conforme Lutero, devem apelar ao coração. Dessa maneira, é possível transmitir esses assuntos – por exemplo: a propaganda para artigos elétricos – como uma mensagem evangelizadora.

Os lemas do texto 8 aproveitam a agilidade e a forma estética de aforismos, canções e poemas que são modificados ludicamente.

Os textos publicitários no estilo do conto de fada ou na linguagem de Lutero, os textos políticos redigidos como variações de pequenas formas poéticas – aqui se mostra, por toda parte, a mesclagem, a indeterminação, o apagamento de fronteiras, em poucas palavras: a dissolução do cânone. E isso é observado em textos que, conforme Roman Jakobson, assumem antes uma função expressiva ou apelativa do que uma função estética. Apesar disso, resta a explicar, ainda, em que medida esses textos cumprem uma função estética e como os meios, que surgem em consequência da dissolução do cânone, conseguem produzir efeitos estéticos. Fim do diagnóstico. Agora, segue a explicação.

Texto 3:

Anúncio

– **MEDICINA** –

AS EMOÇÕES REPRIMIDAS

Problemas não superados podem afetar nosso ânimo para viver



Dores de cabeça podem ter causas psicológicas

mas hesitações, ela conta que encontrou seu ex-marido e sua nova esposa. Susane B. acreditava que tinha superado a relação fracassada há muito tempo, mas suas dores de cabeça lhe ensinaram que, de fato, isso não é a verdade...

Um problema psicológico pode esconder-se atrás da máscara de diversos distúrbios funcionais, como taquicardia, inquietação interna ou dores de estômago ou nas costas. Se o objetivo é acabar com essas moléstias, é preciso que as pessoas atingidas, antes de tudo, conscientizem-se do seu problema primário. O que pode lhes ajudar, também, é a aplicação de uma alta dose do remédio Kira, feito de erva-de-são-joão (que se vende na farmácia sem receita médica). Kira restabelece suave e cuidadosamente, o equilíbrio entre o corpo

e a alma, ao diminuir a ansiedade. Assim, pois, os sintomas físicos sem causas orgânicas, como as dores de cabeça, são atenuadas ou até eliminadas completamente. Quando uma pessoa se sente bem, ela acha muito mais fácil dominar e superar as situações problemáticas da vida.

Kira Drágeas para o tratamento de distúrbios neurovegetativos (moléstias físicas e neuronais sem causas orgânicas, como irritação, dificuldade de concentração, insônia, efeitos da menopausa, falta de apetite, dor de cabeça ou dor de estômago, vertigem, e inquietação) e hipersensibilidade solar são recomendáveis, particularmente, para pessoas de pele clara. Lichtwer Pharma. GmbH. 13435 Berlin.

Texto 4:

Restabeleça sua saúde com

Livros da Diogenes®

Livros da Diogenes são aplicados mundialmente na biblioterapia.

Finalidade de aplicação

Há múltiplos campos de aplicação. Particularmente, em casos de gripe, resfriado, dores de garganta e rouquidão, mas também em casos de nervosidade, irritação em geral e dificuldade de concentração. De uma maneira geral, os **livros da Diogenes** ajudam no processo de recuperação de quase todas as doenças nas quais se prescreve descanso. Sucessos especiais foram comprovados no estágio de reconvalescença.

Características

O efeito já começa pouco tempo depois do início da leitura e tem uma duração prolongada. Os **livros da Diogenes** desenvolvem, rapidamente, um efeito relaxador, estimula-se a circulação sanguínea e o estado geral de saúde melhora.

Precauções / riscos

Geralmente, os livros da Diogenes são bem digeridos. Em caso de miopia, recomenda-se o uso de óculos para leitura. Sabe-se que houve alguns casos nos quais o uso regular provocou dependência.

Dosagem

Se não é prescrita outra forma de aplicação, recomendamos cada dois ou três dias um novo livro. O uso regular é, antes de tudo, a melhor condição prévia para a convalescença. A leitura diagonal ou a interrupção antecipada podem diminuir o efeito positivo.

Composição

Papel, cola e tintas de imprensa. Os **livros da Diogenes** são produzidos com um cuidado especial para proteger o meio-ambiente. Usa-se, exclusivamente, papel não clorado, fabricado sem adição de madeira e de ácido, o que garante uma longa durabilidade.

Garantimos um ótimo divertimento, também, para pessoas que gozam de boa saúde.

Dos livros da Diogenes

Você nunca vai se cansar.

Texto 5:

Era uma vez um pequeno produtor de automóveis que vivia e morava num país distante e frio. Vamos chamá-lo, simplesmente, a Suécia. Nas longas e geladas noites do inverno, ele pensou permanentemente como poderia fazer seus carros cada vez melhores. E como ele não pensou apenas nisso, mas também agiu de acordo com suas idéias, aconteceu que muitas inovações tecnológicas puderam ser admiradas a primeira vez nos seus automóveis. Não importa se falamos de cintos de segurança, sistema de freios controlados por dois circuitos eletrônicos, sistema de lavagem de faróis ou bancos com

aquecimento elétrico ou se falamos de barras de proteção lateral, controle de emissão por catalizador regulado, pastilhas de freios e da embreagem sem asbesto, motor de 16 válvulas ou ar condicionado livre de fluidos refrigerantes a base de CFC [que destrói a camada de ozônio]. Todas essas inovações foram oferecidas primeiramente em série nos seus automóveis. Mais ainda: esse produtor de automóveis conseguiu diminuir tanto os agentes poluentes nos gases de descarga dos seus automóveis que foi um dos primeiros construtores de automóveis que, já em 1993, permaneceram de baixo das normas que o estado de Califórnia – o mais rígido em questões do

meio-ambiente – estabeleceu, por lei, apenas em 1999. Mas o cúmulo do cúmulo foi que ele conseguiu tudo isso em automóveis que possuíram, simultaneamente, grandes reservas de força. Com os quais era possível dirigir de uma maneira esportiva e rápida e, ainda assim, respeitar o meio-ambiente. Tudo isso, devido a um minúsculo processador de 32-bit. Naturalmente, também o primeiro a ser usado num automóvel. Até aqui sobre esse David sueco entre os automóveis. E o que se conta do seu Goliath?

SAAB

A LINHA DE INFORMAÇÃO DA SAAB. A partir de agora você não fala apenas depois do sinal, mas diretamente conosco.

24 horas. Peça seu material de informação no numero 0130-840304

Texto 6:

**Contemple esse jornal amanhã.
Te mostrarei o caminho para preços baixos.**

MediaMarkt

Ofereçamos muito e cobrimos pouco.

Burghausen-Leipzig - im Massa-Löwen-Center - Mersburger Straße ☎ (0341) 4 9483

Texto 7:**Texto 8:**

Logen sie gestern, lügen sie heute.
Es sind immer die gleichen Leute.

Mentiram ontem, mentirão amanhã.
Sempre são as mesmas pessoas.

Hopp, hopp, hopp, Gysi lauf Galopp.

Pocotó, pocotó, pocotó! Gysy⁴ corre a galope!

Sollen die Menschen im Lande bleiben,
So muss man Kampfgruppen und Stasi
vertreiben.

Para as pessoas ficarem no país,
precisa-se expulsar as tropas de choque e a
Stasi;⁵

Für eine Zukunft in Freiheit versperren
sie die Sicht,
Und das Brot das sie essen, verdienen
sie nicht.

Pois elas impedem a vista para um futuro na
liberdade
e não merecem o pão que comem.

(Canção dos demonstrantes em Leipzig, outono, 1989.)

Quando trato, agora, da pergunta formulada no tema, gostaria de prosseguir com minha resposta mais longe do que a formulação da pergunta deixa a esperar. Segundo a minha experiência, a intertextualidade, particularmente na sua forma tipológica, à medida que diz respeito às relações despreocupadas com os padrões, não representa apenas *um* recurso estilístico, mas é o recurso estilístico predominante na área mencionada de comunicação. Considero essa forma de uso da intertextualidade como pós-moderno porque vive da dissolução do cânone.

Naturalmente, essa afirmação necessita de uma justificativa, mas, antes de cumprir essa tarefa, quero tratar, ainda, de duas condições prévias que estou dando como provadas. Num primeiro momento, suponho que os padrões têm alguma coisa a ver com o estilo, ou pelo menos, que as transgressões dos padrões podem provocar efeitos estilísticos. Desde os trabalhos de Sandig (1989 e 1991) e Dittgen (1989), aos quais me refiro aqui, é desnecessário preocupar o pensamento com a questão se isso é a verdade. Além disso, pressuponho, num segundo momento, que é possível encontrar recursos estilísticos típicos para uma época, que, por assim dizer, exprimem o espírito de uma época. Lerchner (1995, p. 98) afirma que é possível relacionar os estilos formais das diferentes artes com o estilo do pensamento de uma época e com a organização do conhecimento enciclopédico e da visão do mundo que, também, se caracterizam por um estilo próprio. Há fenômenos em outras áreas da vida que ocorrem em paralelo com a dissolução do cânone, mostrando que essa afirmação não é infundada. Por exemplo, encontramos claros paralelos entre as montagens, transgressões e misturas de padrões textuais e a moda contemporânea. Assim, pois, a pesquisadora de literatura Barbara Vinken (1993, p. 83) afirma que “as citações estilísticas do cenário da moda se tornaram icônicas e já estão dando cambalhotas”. Ela indica várias citações estilísticas da moda: “seres agatunados de revistas de quadrinhos”, “saia godê e sapatilhas de dança”, “um pouco estilo country”, “um pouco estilo tropical”, “um pouco folclore espanhola”, “algumas ninfas silvestres desfilando com graciosidade natural”, “citações de Mil e uma Noite”,

“a pompa da corte chinesa”, mas também “elementos da farda de trabalho”. E, finalmente, observa-se que até as fronteiras entre os gêneros sociais (masc. e fem.) tornam-se opacas por causa da troca de elementos estilísticos dos vestuários masculino e feminino. Temos, então, uma dissolução bem visível do cânone cultural e, de fato, Vinken (*op. cit.*, p. 63) resume: “na inversão de *high* [alto] e *low* [baixo], na carnavalização das relações e proporções, na dissolução populista e na mesclagem dos estilos, revela-se uma mudança decisiva na relação entre a moda e a época”. Vê-se que os fenômenos se harmonizam, embora sejam menos espetaculares no caso dos textos.

Como se pode justificar a opinião de que o tratamento despreocupado dos padrões, ou seja, a dissolução do cânone, representa o recurso estilístico predominante nos textos que não podem prescindir de conquistar a atenção do destinatário? Como aconteceu que os meios da montagem, da mistura e da transgressão no domínio lingüístico, que “a deslegitimação da norma” (HASSAN, 1988, p. 50), conquistaram o cotidiano?

No contexto dessa pergunta, acho que é necessário ultrapassar a observação dos textos como entidades lingüísticas, temáticas, comunicativas e cognitivas e dirigir o olhar para os textos como fenômenos culturais. Se interpretarmos, de acordo com Eco (1972), a comunicação como um fenômeno cultural e a cultura como um sistema de signos, isso implica as seguintes problematizações:

1. o estudo dos sistemas de signos que contribuem na unidade do texto, sob o enfoque da questão de o que acontece com os signos na situação de ambivalência entre o cânone e a dissolução do cânone;
2. a ocupação com os processos sógnicos que são associados com os textos desconvençãoalizados, ou seja, que são ligados a um tipo específico de semiose.

Ad 1: O fato de que os meios da montagem, da mistura e da transgressão conquistaram o dia-a-dia no domínio lingüístico, não é tão novo assim (cf. WELSCH, 1988, 1 seg.). O que é novo é a abundância dos meios e da sua aplicação, o que poderia despertar a suspeita de que no estado de ambivalência entre o cânone e a dissolução do

cânone, ou seja, entre “a uniformização e a pluralização” – como Fechner (1990, p. 32) descreve o fenômeno – a última sobrepôs-se à primeira. Todavia, se estamos a ver os casos comuns de textos com padronização e mistura de padrões, temos que dar razão a Fechner (*ibid.*, p. 32) que afirma “ambos os movimentos estarem relacionados um com o outro”, isto é, ambos se condicionam mutuamente; mas talvez estejamos já enxergando que é preciso falar de dominâncias. A dissolução do cânone domina quando o importante é a eficácia; mas, ao mesmo tempo, estamos vendo: a dissolução do cânone só faz sentido diante do pano de fundo do cânone. A mistura e transgressão de padrões tornam-se um processo sógnico apenas diante do pano de fundo da padronização sempre subentendida. Desse modo, a dissolução do cânone e a indeterminação, ou seja, a relatividade das fronteiras são delimitadas.

Na conferência anual do Instituto da Língua Alemã (*Institut für Deutsche Sprache - IdS*), que se ocupou de “questões estilísticas”, Johannes Anderegg (1995, p. 126) tirou as seguintes conclusões no que diz respeito à questão do sentido do conceito de estilo:

Se partimos, como no pós-estruturalismo, da hipótese de que a língua não representa um sistema mais ou menos fixo, mas alguma coisa que tem que ser vista inteiramente como um processo, tornar-se-ia obsoleta a pergunta pelo estilo ou o conceito de estilo, porque essa pergunta se dirige, justamente, à maneira como se utiliza aquele sistema cuja existência ou relevância são questionadas. E se defendemos a hipótese de que seria impossível distinguir, por princípio, entre a literatura e o falar sobre a literatura, e que os textos não poderiam ser considerados entidades, mas fragmentos ou partes de uma rede realmente ilimitada, a pergunta pelo estilo – independente da definição específica dele – perderia seu sentido porque pressupõe, sempre, a possibilidade de delimitar o seu objeto de uma maneira significativa.

Todavia, essa rede aparentemente ilimitada e – para fazer este acréscimo – a liberdade, ou seja, a falta de respeito no uso dos meios têm, sim, seus limites; pois o encanto da transgressão das fronteiras baseia-se, justamente, no conhecimento da existência dessas fronteiras.

Somente diante desse pano de fundo, é possível que a transgressão dos limites receba seu valor estilístico e assuma o caráter de um signo. Fazendo uma analogia com a maneira como o argumento reflexivo contra os céticos⁶ é aplicado às normas éticas, seria possível, a título de experiência, negar a existência de regras para o comportamento comunicativo presente/“pós-moderno” em determinadas áreas públicas, como a publicidade e a imprensa. Todavia, com a regra “não existem mais regras” introduz-se outra regra, nomeadamente: que valha, agora, que não existam mais regras. Logo, é impossível fugir das regras. Em outras palavras: ao transgredir as regras conscientemente, afirma-se, inevitavelmente, a existência delas; ainda que seja apenas a existência de uma única regra que diz, a saber: as regras existem para serem mantidas. E nessa transgressão tira-se um ganho estilístico, por exemplo: a expressão do desrespeito. Na sua investigação sobre desvios, Dittgen (1989, p. 19) formula essa observação assim: “Ao desviar do conhecido, analiso o conhecido (e desejo que você faça a mesma coisa)”. Quando a regra de manter a regra é transgredida, permanentemente, de uma maneira como tentei demonstrar anteriormente, é possível que a constelação perca o equilíbrio, que a transgressão se torne a regra e que, desse modo, se crie um recurso estilístico geral: esse da transgressão do padrão que, preferencialmente, se realiza pelos meios da intertextualidade. Nesse caso, a conformidade com o padrão receberia um valor estilístico particular. Convém acrescentar ainda que a dissolução ocorre, também, nos códigos não-lingüísticos que fazem parte de um texto, por exemplo: nos códigos da linguagem corporal e nos códigos visuais. Essas transgressões realizam-se, por exemplo, num poema impresso em papelão canelado, numa citação de um poema de Hölderlin, numa pichação na muralha de cais do rio Neckar em Tübingen, numa citação de Kafka num túnel em Praga.

Ad 2: Se o rompimento com o cânone é tão decisivo, é preciso perguntar pelos seus efeitos potenciais e como acontece que a transgressão dos padrões e o desvio das regras não encontrem resistência de recepção. Aliás, no âmbito de um conceito de estilo relacionado com a atividade e o efeito (SANDIG, 1986; FIX, 1996a e 1996b), deveria ser natural dar atenção à semiose dos textos, aos

processos sígnicos, à recepção do complexo de signos que compõem o texto. Se certas formas textuais se distinguem, então, pela dissolução do cânone, é possível pressupor um tipo específico de semiose que – embora seja provocado pela violação de uma regra – tem que ter sua origem na intenção do produtor. No que se segue, tratarei da representação desse processo semiótico. Sandig (1989 e 1991) fornece, ainda que sem comentários, descrições das funções de misturas de padrões que poderiam ser interpretadas como elementos de uma semiose desejada pelo produtor. Entre outras coisas, ela indica, para as misturas de padrões na linguagem corrente, as funções “intensificação”, “esteticização” e “emocionalização” (1989, p. 149); e, para misturas de padrões literárias, “estabelecimento de novas perspectivas”, “intensificação”, “representação de discrepâncias” (1991, p. 145). Com a expressão “estabelecimento de novas perspectivas”, invoca-se uma função que quero especificar como a função geral desses textos (cf. DITGEN, 1989: “super-regra”) e chamar, com Aleide Assmann (1988), de “semiose desordenada”. Na minha opinião, ela vale tanto para textos literários quanto para utilitários. A idéia de Assmann é que podemos fazer duas coisas com um texto: podemos lê-lo, isto é, partindo do significante material, podemos chegar ao significado imaterial, sem deter-nos muito tempo no aspecto material; mas também é possível, como ela diz, termos um olhar fixo (“gazing”), ou seja, permanecermos com os olhos grudados na materialidade do texto, na sua forma, ficarmos perplexos e hesitarmos pasmados. Isso acontece quando encontramos alguma coisa inesperada. O “olhar fixo” conduz a uma nova percepção, a um estranhamento. Já estamos familiarizados com esse efeito: quando se profere uma palavra repetidamente, nota-se que, aos poucos, ela começa a parecer estranha e sem sentido. “A materialidade transforma-se em resistência e bloqueia a semantização do signo” (ASSMANN, 1988, p. 238). Quando a materialidade começa a atrair nossa atenção? Quando nosso olhar repousa nela? Sempre quando os signos “são desatrelados da arquitetura ordenada das relações convencionais” e quando “eles estabelecem novas e inesperadas relações” (ASSMANN, 1988, p. 238). Cada rompimento da convencionalidade pode provocar

uma semiose desordenada. Uma nova percepção, então, obtém-se também por uma relação extraordinária entre tipo (*type*) e exemplo (*token*), ou seja, pelo jogo com o padrão. Lembramos, apenas, nosso exemplo com o texto de orelha de livro na forma de uma bula de remédio. Esse texto atrai o olhar fixo. Embora esse “olhar fixo” seja substituído, rapidamente, pela leitura do texto, é certo que ele pôde ter o efeito de chamar a atenção para o texto e seduzir para a sua leitura. Num mundo que é determinado pelas mídias, num mundo da abundância de textos de todos os tipos, a “semiose desordenada” pela dissolução do cânone parece ser a possibilidade dominante de despertar e fixar a atenção, de dirigir o olhar do leitor para esse texto e nenhum outro e de fazê-lo prender sua vista nele o mais longo tempo possível. O olhar fixo é um olhar estético (se não é, como diz Assmann (1988), o olhar do apaixonado ou do esquizofrênico). Ele vê as coisas, primeiramente, pelo aspecto da sua forma e percebe-as, por causa da sua forma, como não óbvias. Perceber as coisas na sua materialidade significa percebê-las esteticamente. O recurso estilístico dominante da dissolução do cânone e, portanto, da anulação do óbvio é, então, um instrumento estético. E não é sem razão que ele é usado tão freqüentemente. Nos seus trabalhos sobre a pós-modernidade, Wolfgang Iser (1988, p. 41- 42) chama a atenção para a dominância do pensamento estético:

No mundo mediático de hoje, a realidade constitui-se, essencialmente, de uma maneira estética. [...] Como já foi observado mais acima, sob a palavra-chave ‘forma de vida pós-moderna’, o que importa, hoje em dia, é a capacidade de transgredir entre diversas formas de atividades e constelações da realidade. No decorrer das considerações seguintes, tornou-se claro, então, que a experiência estética transmite esse tipo de competência de uma maneira particular.

Exatamente a essa demanda atende o escritor ou falante que aposta, de vez em quando, na dissolução do cânone em vez de contribuir na manutenção do cânone. A Lingüística Textual não pode deixar passar despercebidos esses fenômenos que dizem respeito ao caráter semiótico e, eventualmente, estético dos textos. Logo, é preciso pensar em novas direções, de uma maneira interdisciplinar.

NOTAS

¹ FIX, Ulla. Kanon und Auflösung des Kanons. Typologische Intertextualität – ein postmodernes Stilmittel? Eine thesehafte Darstellung. In: ANTOS, Gerd & TIETZ, Heike. *Die Zukunft der Textlinguistik*. Traditionen, Transformationen, Trends. Tübingen. Niemeyer. RGL 188. S.: 97-108, 1997.

² Depois da sua graduação em Germanística, a autora trabalhou com leitora em Bagdad e Helsinki. Em 1971, doutorou-se na Universidade de Leipzig; em 1981, habilitou-se na Univeridade de Halle-Wittenberg. Desde 1992, é professora catedrática para a língua alemã na Universidade de Leipzig e trabalha no Instituto de Germanística dessa entidade, especialmente nas áreas da Lingüística Textual e da Estilística. Além disso, investiga problemas que dizem respeito à relação entre o uso da língua e a política, às relações entre imagem e texto, às relações entre a Lingüística e as Ciências Literárias e à história das ciências no século XX. Ulla Fix é co-editora das revistas *Germanistik*, *Deutsche Sprache* e *Zeitschrift für Angewandte Linguistik*; até 2005, ocupou um cargo na diretoria da *Deutsche Gesellschaft für Angewandte Linguistik* (Associação Alemã de Lingüística Aplicada). Enfim, é membro do conselho científico do renomado *Institut für Deutsche Sprache* (Instituto para a Língua Alemã) em Mannheim.

³ O tradutor é Especialista em Alemão para Estrangeiros pela UFBA e a Universidade de Kassel na Alemanha, Mestre em Lingüística Aplicada pela UECE, Doutorando em Lingüística Teórica pela UFC e professor de Latim e Sociolingüística da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

⁴ Gregor Gysi, nascido em 1948, político e advogado, 1989-1993, presidente do Partido do Socialismo Democrático (*PDS*), a organização política que herdou os bens e o legado político do Único Partido Socialista da Alemanha (*SED*) que governou a Alemanha Oriental na época da ditadura comunista. Gysi foi suspeito de ser colaborador da polícia secreta (*Stasi*) da Alemanha Oriental; mesmo assim, conseguiu eleger-se deputado federal da Alemanha unificada e Senador da Economia no governo estadual de Berlim.

⁵ *Stasi* = *Staatssicherheitsdienst* = a polícia secreta do governo comunista na antiga Alemanha Oriental.

⁶ No âmbito da ética da comunicação, o argumento anticético trata da justificativa conclusiva de exigências éticas para a comunicação. Para alcançar uma comunicação bem-sucedida, é fundamental que os interactantes que se comunicam ou trocam argumentos sempre aceitem certas normas subentendidas. Até as pessoas que negam isso – os céticos – dependem desse compromisso. Por exemplo: alguém nega que os problemas da política do meio-ambiente podem ser resolvidos por argumentações e, ao questionar isso, diz para seus interlocutores: ‘você têm que admitir que isto é verdade’. Desse modo, ele desmente seu próprio ceticismo porque se baseia, implicitamente, numa força persuasiva dos argumentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDEREGG, Johannes. Stil und Stilbegriff in der neueren Literaturwissenschaft. In: STICKEL, Gerhard (Hg.). *Stilfragen. Jahrbuch des Institutes für Deutsche Sprache 1994*. Berlin, New York: de Gruyter. S. 115-127, 1995.

ASSMANN, Aleida. „Opting in” und „opting out”. Konformität und Individualität in den poetologischen Debatten der englischen Aufklärung. In: GUMBRECHT, Hans Ullrich & PFEIFFER, K. Ludwig (Hgg.). *Stil. Geschichten und Funktionen eines kulturwissenschaftlichen Diskurselements*. Frankfurt am Main: Suhrkamp. S. 127-143, 1986.

ASSMANN, Aleida. Die Sprache der Dinge. Der lange Blick und die wilde Semiose. In: GUMBRECHT, Hans Ullrich & PFEIFFER, K. Ludwig (Hgg.). *Materialität der Kommunikation*. Frankfurt am Main: Suhrkamp. S. 237-251, 1988.

DITTMEN, Andrea Maria. *Regeln für Abweichungen. Funktionale sprachspielerische Abweichungen in Zeitungsüberschriften, Werbeschlagzeilen, Werbeslogans, Wandsprüchen und Titeln*. Frankfurt am Main, Berlin, Bern: Lang, 1989.

ECO, Umberto. *Einführung in die Semiotik*. München: Fink, 1972.

FECHNER, Frank. *Politik und Postmoderne. Postmodernisierung als Demokratisierung*. Wien: Passagen Verlag, 1990.

FIX, Ulla. Gestalt und Gestalten. Von der Notwendigkeit der Gestaltkategorie für eine das ästhetische berücksichtigende pragmatische Stilistik. *Zeitschrift für Germanistik. Neue Folge*, 2, 308-323, 1996b.

FIX, Ulla. Textstil und KonTextstile. Stil in der Kommunikation als umfassende Semiose von Sprachlichem, Parasprachlichem und Aussersprachlichem. In: FIX, Ulla & LERCHNER, Gotthard (Hgg.). *Still und Stilwandel*. Frankfurt am Main, Berlin, Bern: Lang. S. 11-132, 1996a.

GOBYN, Luc. Das Märchen und seine Spielformen. Eine Textsorte in pragmatisch-stilistischer Sicht. In: DE CALUWE, J., DEVOS, M. & RYCKEBOER, H. & TAELEMAN, J. (red.). *Tekstsoorten. Een selectie uit het werk van Luc Gobyen*. (Studia Germanica Gandensia 30). Gent: Seminarie voor Duitse Taalkunde. S. 69-105, 1992.

HASSAN, Ihab. Postmoderne heute. In: WELSCH, Wolfgang. *Wege aus der Moderne. Schlüsseltexte der Postmoderne-Diskussion*. Weinheim: VCA Acta Humaniora. S. 47-56, 1988.

HOLTHUIS, Susanne. *Intertextualität. Aspekte einer rezeptionsorientierten Konzeption*. Tübingen: Stauffenberg, 1993.

KUHLMANN, Wolfgang. *Reflexive Letztbegründung. Untersuchungen zur Transzendentalpragmatik*. Freiburg, München: Alber, 1985.

LERCHNER, Gotthard. Stilwandel. In: STICKEL, Gerd (Ed.). *Stilfragen*. Berlin: de Gruyter, S. 94-114, 1995.

SANDIG, Barbara. *Stilistik. Sprachpragmatische Grundlegung der Stilbeschreibung*. Berlin, New York: de Gruyter, 1978.

SANDIG, Barbara. *Stilistik der deutschen Sprache*. Berlin, New York: de Gruyter, 1986.

SANDIG, Barbara. Stilistische Mustermischungen in der Gebrauchssprache. *Zeitschrift für Germanistik*, 2, 133-150, 1989.

SANDIG, Barbara. Literarische Mustermischungen, Formen und Funktionen. In: WERNER, Hans-Georg & MÜSKE, Eberhard (Hgg.). *Strukturuntersuchung und Interpretation künstlerischer Texte. Interdisziplinäres Kolloquium an der Sektion Germanistik/Kunstwissenschaften der Martin-Luther-Universität Halle-Wittenberg vom 15 bis 17. November 1988*. Halle an der Saale: Abteilung Wiss.-Publ. der Martin-Luther-Univ. Halle-Wittenberg. S. 128-151, 1991.

STOLT, Birgit. Die Entmythologisierung des Bibelstils. In: SANDIG, Barbara (Hg.). *Stilistik I: Probleme der Stilistik*. Hildesheim, Zürich, New York: Olms (=Germ. Ling. 3-4/81). S. 179-190, 1983.

VINKEN, Barbara. *Mode nach der Mode*. Geist und Kleid am Ende des 20. Jahrhunderts. Frankfurt am Main: Fischer TB Verlag, 1993.

WELSCH, Wolfgang. *Wege aus der Moderne. Schlüsseltexte der Postmoderne-Diskussion*. Weinheim: VCA Acta Humaniora, 1988.